

Livros de Auto-Ajuda para Crianças: Uma Coleção*

Melissa Cristina Correa Asbahr¹
Norma Sandra de Almeida Ferreira²

Resumo: Este artigo discute uma certa produção que se encontra à disposição do leitor nesses últimos anos: livros de auto-ajuda para crianças. Através da escolha da coleção *Se ligue em você*, centramos nossa atenção no pólo da produção dessas obras, entendendo-as como objeto cultural que se apresenta com certa materialidade e se constitui enquanto um gênero para uma determinada comunidade de leitores.

Palavras-chaves: Literatura Infantil, Produção Cultural, Livros de auto-ajuda, Leitura.

Abstract: This article reats certain production that it finds for readers disposition in the last years: books bout self-helped for children. For such through of choice of collection *Se ligue em você*, centrated in the production we understod that the cultural object is showing certain consistency that it constituted while a Kind of community readers determinated.

Key-words: Infantile Literature, Cultural Production, Self-helped Books, Reading.

Este artigo é parte da pesquisa intitulada *Produção Cultural para crianças*: livros de auto-ajuda e traz como proposta discutir uma certa produção que se encontra à disposição do leitor no mercado editorial nesses últimos anos.

Considerando o crescimento efetivo de obras e autores interessados no público leitor infantil, podemos perceber um conjunto de obras que vem tematizando diferentes problemas a serem enfrentados em momentos difíceis da criança, sejam eles de ordem prática ou emocional: descontentamento com qualidades físicas e intelectuais, morte de um ente querido, separação dos pais, relacionamento entre pessoas, desestruturação familiar, tratando, conforme Bordini (1998:p.42), *de modo simbólico, o mundo interior da criança, procurando expressar suas necessidades e apresentar soluções ao seu alcance.*

São publicações preocupadas em tratar a “interioridade” infantil, escritas por diferentes autores, diversamente configuradas em gêneros e estilos, ora mais próximas à

*. Pesquisa de Iniciação Científica, financiada pela FAPESP (agosto/2000 a junho/2001)

1. Estudante do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

2. Professora da Faculdade de Educação da Unicamp.

literatura *stricto-sensu*, ora mais próximas a manuais para o bem-estar da criança. De qualquer maneira, sobressai nessas obras, como traço comum entre elas, o fato de que têm no adulto o seu consumidor efetivo. É ele que inicialmente identifica um problema, um “desajuste” na criança e, colocando-se como aquele que dela deva cuidar, procura pelo livro, escolhe o mais apropriado, indica-o, compra-o, “presenteia” a criança.

Neste artigo centramo-nos naqueles livros que, tratando de questões referentes à “interioridade” infantil, assemelham-se aos livros de auto-ajuda destinados ao público adulto. Livros que, caracterizados como “manuais” de aplicação prática, apresentam discurso prescritivo e aconselhador, oferecendo ao leitor respostas a problemas concretos.

Porém, antes de determo-nos nesses livros infantis, queremos destacar alguns aspectos em torno da literatura de auto-ajuda voltada para o público adulto, pontos esses que consideramos importantes nessa discussão.

Um Pouco Sobre Literatura de Auto-ajuda para Adultos

Como sabemos, a literatura de auto-ajuda representa um fenômeno da indústria cultural, que basicamente objetiva ensinar o indivíduo como conduzir sua vida, relacionar-se com as pessoas, conseguir determinada posição individual, superar problemas pessoais criados pela vida moderna, buscar a felicidade sonhada através de um emprego bem sucedido. Assim, os temas abordados nessa literatura são tão diversificados quanto os problemas enfrentados pelo leitor no seu cotidiano.

A expressão auto-ajuda não é recente, foi utilizada pela primeira vez num livro de muito sucesso pelo médico e publicista nascido escocês, Samuel Smiles, em 1859 (Rüdiger, 1995). Diferentemente da literatura de auto-ajuda em circulação no mercado atual, Smiles centraliza a discussão na formação do caráter do indivíduo, na questão do Bem que cada um pode fazer a si mesmo no cumprimento dos deveres enquanto membro de determinada sociedade. Além de Smiles, outros autores americanos, nesse mesmo período, também revelam preocupação com o desenvolvimento da personalidade e da auto-confiança.

Na virada do século XX essa literatura (re)conhecida como de auto-ajuda, vem enfatizando a busca da satisfação pessoal, a utilização dos poderes mentais como meio para transformar as pessoas em seres de sucesso, oferecendo, em síntese, a idéia de que qualquer pessoa pode conseguir tudo que almeja na vida, utilizando-se do poder do pensamento, de uma força interior potencial. O eixo principal nessa literatura é a confiança em si mesmo porque: (...) *Os problemas com que [o indivíduo] luta, embora se originem de fatores sociais, possuem uma natureza pessoal que não tem nada a ver com a sociedade.* (Rüdiger: 1995, p.23).

Com mensagens de otimismo e de esperança, a prática de auto-ajuda oferece ao leitor “ensinamentos” de como lidar com problemas, com a idéia de passado, presente e futuro decorrente da vida moderna

*Você pode assumir o controle da situação, independente do tempo em que os fatos ocorrem” (...)
Você pode tornar-se realmente dono do seu tempo, construtor de seu passado e inventor do seu futuro, aprendendo a tornar realidade seus melhores sonhos (Ribeiro, 1994).*

A literatura de auto-ajuda parece corresponder, assim, a uma opção a mais que se pode encontrar no mercado editorial, assim como os contos policiais, os romances esotéricos, os de ficção científica, entre outros. Ela representa, dessa forma, junto com outras estratégias freqüentes na indústria cultural, aquela que - atendendo ao gosto de um público - oferece a ele algumas respostas aos seus problemas, angústias e desejos.

Coleção *Se Ligue em Você*

Para nós, o livro infantil enquanto uma mercadoria a ser consumida não pode deixar de sugerir como ele (o livro) é apresentado aos olhos de um leitor de hoje. Nesse contexto, centramos à nossa intenção principal desse artigo: dar a entender/conhecer essa categoria da produção cultural como objeto que se apresenta com certa materialidade direcionado a um público leitor e que se constitui enquanto gênero discursivo (para quem, como, quando, por quê e o quê se diz).

Rastreando, no pólo da produção, as estratégias de que autor/editor lança(m) mão para divulgar suas idéias e intenções, desejamos, aqui, entender como esse gênero se configura como tal, diferenciando ou aproximando-se de outras obras destinadas ao público infantil.

Se pensarmos com Chartier (1996) que um texto não é algo abstrato, ideal, desligado de sua materialidade, e que, mais do que isso, o suporte que o sustenta orienta a construção de um sentido, queremos atentar, agora, para estratégias inscritas na forma em que os livros da coleção “Se ligue” em você, são dados a ler para o leitor infantil.

A coleção é composta por três livros, todos escritos pelo mesmo autor, editor e ilustrador, Luiz Antonio Gasparetto, o “Tio Gaspa” – também escritor de livros de auto-ajuda para adultos – da Editora Espaço, Vida e Consciência.

O Objeto-Livro

As três obras da Coleção *Se ligue em você* apresentam uma produção visual que, pela sua materialidade, pela sua aparência visual, pode ser facilmente aproximada a qualquer outra obra oferecida à criança como literatura, como um livro para entretenimento, lazer, ficção, imaginação.

Em formato retangular, com poucas páginas (em torno de 20), os livros trazem capas coloridas com giz de cera e muitas ilustrações, podem, por essa razão, ser reconhecidos pelos adultos-mediadores na compra, na adoção, na indicação, na leitura dessas obras para criança, como um “gênero voltado especialmente para ela”.

Ao tomarmos os livros às mãos, temos diante de nós a imagem estampada, na capa, de um garoto de cabelos castanhos e lisos, de olhos azuis vestido com shorts, camiseta, boné. Ora em um jardim coberto de flores e sob um imenso arco-íris; ora em seu quarto, com brinquedos cuidadosamente espalhados; ou, ainda, na paisagem bucólica, apreciando duas gaivotas que voam no céu e um barco e um golfinho n'água, o garoto é aquele em perfeita harmonia com seu espaço. As capas sugerem identificação do leitor com a criança sorridente (que lembra qualquer outra criança de classe social média) desenhada na capa, ao mesmo tempo que remete a tantas outras obras voltadas ao público infantil.

Se *ligue em você*, é, assim, o nome dado à coleção que reúne os Livro 1, Livro 2, Livro 3 (como se fossem volumes articulados por uma mesma proposta editorial). Se tomarmos o verbo ligar nos 24 sentidos atribuídos a ele por Ferreira (1994, 839) podemos iniciar um caminho de entendimento do que pretende esta coleção:

Ligar. {Do lat. *ligare*} V.t.d. 1. Apertar, prender, atar com laço ou ligadura; fazer nó ou laço em; prender, fixar; liar. 2. Juntar novamente (o que está separado, cortado). 3. Fazer aderir, pegar. 4. Pôr em comunicação. Pôr em contato, unir. 6. Tornar conexo ou coerente. 8. Estabelecer relações entre, aproximar. 9. Combinar, misturar. 10. Pôr em funcionamento (sistema elétrico); abrir. 11. Fazer girar o disco de (telefone). 12. Emulsionar, combinar, misturar. 13. Unir, prender, vincular, ligar seu destino a outrem. 14. Estabelecer relação de causa e de efeito entre (duas coisas, dois fatos) relacionar, associar. 15. Acionar o motor (veículo) para que se ponha em marcha. 16. Prestar atenção, atender. 17. Comunicar-se ou tentar comunicar-se por telefone. 18. Unir, aderir, soldar-se. 19. Discar. 20. Possibilitar que se faça ligação. 21. Unir-se por vínculos afetivos, morais ou carnis. 22. Ter relação, relacionar-se, prender-se. 23. Formar aliança, coligar-se. 24. Unir-se em combinação química, combinar-se.

Podemos somar a esses inúmeros significados dados pelo dicionário, atentando-nos, por outro lado, para a expressão “se ligue” que, uma vez colocada entre aspas no próprio título, pode anunciar um sentido figurado, um uso coloquial (gíria) reconhecido pelos falantes da língua como “preste atenção”, “acorde”.

De qualquer maneira, embora aparentemente diversos, os sentidos da expressão “se ligue” sugerem, em seu conjunto, uma idéia de junção, combinação, enlaçamento de partes – prévia e aparentemente opostas – em um só elemento; ou, então, a idéia de colocar em movimento, de pôr em ação algo que estava parado, sem comunicação. Considerando tanto os significados dicionarizados, quanto aqueles possíveis de serem usados como gíria na fala cotidiana, podemos destacar ainda o uso do verbo “ligar” em sua forma imperativa, forma essa que concentra quase sempre uma ordem dada a alguém. No entanto, ao observarmos o uso antecipado do pronome “se” que acompanha esse verbo, imaginamos que tal ordem tem seu sentido relativizado: a idéia de uma conversação mais familiar, quase uma comunicação mais direta. Numa inversão nem sempre aconselhada pelos gramáticos para a modalidade escrita padrão, o que também pode explicar o uso de aspas, “se ligue” dá intencionalmente um caráter informal, coloquial, mais próximo da oralidade e da língua cotidiana usada no Brasil.

Nas capas encontramos ainda o nome do autor, Tio Gaspa, tal qual se propõe a ser identificado por esse leitor “menor”. Diferentemente de outras produções que apresentam o seu autor por nome e sobrenome e, muitas vezes, também o seu ilustrador já nas capas, essa coleção só trará essas informações na contra-capa, juntando-se a elas a foto do autor. Essa opção por “tio Gaspa” não é comum de ser encontrada nas obras quase sempre escritas por adultos com intenções de formar leitores infantis. A palavra “tio” traz uma proposta estratégica de revelar um autor que, mesmo sendo adulto, está ao lado da criança, próximo, familiar, um tratamento que vem sendo amplamente utilizado em lugares públicos. O fato do autor desejar ser identificado não pelo seu nome completo, mas apresentando-se como “parente”, pertencendo à família do leitor, indica o lugar de onde esse autor pretende falar.

Se continuarmos a olhar a materialidade que esses livros assumem, percebemos – ainda pelo seu aspecto físico – uma outra estratégia do autor/editor de sugerir uma aproximação da obra a essa criança. Embora reconhecido como objeto-livro, ele não vem escrito em letra de imprensa como normalmente se apresenta a maioria dos livros, mas, lembrando a escrita de qualquer criança, está em letra cursiva. Será apenas um procedimento para tentar marcar uma certa distinção com outras obras infantis e com as destinadas ao público adulto? Será este tipo de letra sedutor para criança? Será a criança mais familiarizada com a leitura neste tipo de letra? Será uma tentativa de escrever como uma criança escreve ou escreveria, buscando uma identificação autor-leitor? Uma horizontalidade nas relações?

*Na contracapa, a fotografia do autor sorrindo e abaixo sua auto-apresentação e propósitos:
Eu sou o Tio Gaspar do Espaço Vida e Consciência.*

*Neste livro, quero brincar e conversar com você.
Vá até o espelho pra gente fazer uma brincadeira. (Livro 2).*

Embora saibamos que normalmente o consumidor primeiro da literatura infantil seja o adulto (aquele que compra, escolhe, indica), vemos que isso não impede que, como todos os outros livros voltados para o leitor infantil, essa Coleção venha desenhada e direcionada pelo modo que - segundo se acredita - possibilita à criança identificar-se com ela, gostar, seduzir-se por ela.

Uma outra imagem significativa na contracapa é o logotipo da editora: um gnomo montado num unicórnio como o nome da editora escrito. Gnomos e unicórnios, como sabemos, fazem parte do imaginação, da ficção, do imaginário infantil. Mas, por que a escolha pela figura do gnomo e não de uma fada, por exemplo? Por que unicórnio, e não um cavalo alado, um curupira, um minotauro?

Junto à mitologia, encontramos o unicórnio como um animal feroz, com o corpo semelhante a um cavalo, cabeça de cervo, patas de elefante, cauda de javali, voz retumbante e um único chifre preto no meio da testa. Não pode ser apanhado vivo, por isso constitui problemas para caçadores. O chifre na cabeça é visto pelos estudiosos como arma a lutar contra os inimigos, a força do chifre a derrubar os inimigos e levantar-se tranqüilamente, sem nada sofrer.

E a escolha do autor/editor pelos gnomos? Os gnomos

(...) são exímios investigadores da alma e das intenções reais das pessoas e dos objetos, podendo enxergar tudo em profundidade. Para eles, não existem segredos de espécie alguma (...) Na verdade, basta olharem para alguém, mesmo à distância, para que imediatamente descubram o que está acontecendo no íntimo daquela pessoa (Huygen, 1993; s/p).

Conforme Huygen (*op. cit*), na comparação entre homem e gnomo (um homem em tamanho pequeno), encontramos grande vantagem para o gnomo. Esse é sete vezes mais forte que o homem, é uma variação mais aperfeiçoada do homem, permanece fiel as suas origens, vive em relação de harmonia com a natureza (não a maltrata, não a explora), é

destituído de qualquer desejo de poder político, vivendo num mundo absolutamente estável e harmonioso. Gnomos são seres pequenos, miniaturas de homens grandes – adultos, tal qual a concepção que muitas pessoas têm sobre as crianças.

Unicórnios que solitariamente vencem poderosos inimigos com sua força centrada na cabeça e gnomos que encontram no respeito à natureza o seu equilíbrio aproximam-se das mensagens dos “poderes da auto-ajuda”: ser feliz, ser forte, em paz, tranquilo significa encontrar sua verdadeira natureza através do auto-controle do pensamento.

Linguagem das Ilustrações

As ilustrações no interior do livro são de uma cor só: vermelho, no primeiro; lilás, no segundo; e azul, no terceiro. Insistentemente a criança que já conhecemos na capa aparece desenhada acompanhando o texto. A maioria das vezes, sozinha; outras vezes ao lado de outra criança; ou com um adulto, ou ainda com animais (cão e gato). Aparecem também solzinho (luzinhas), coraçõezinhos junto à ilustração que representa a criança.

As ilustrações nessa coleção vêm como redundância, reafirmação em imagem daquilo que foi dito em palavras escritas. É o caso, por exemplo, na p.3, do Livro 1, no trecho em que o autor fala sobre a luzinha que acende quando damos um pedaço de doce ao amigo e encontramos então, ao lado do texto escrito, a ilustração do garoto oferecendo um pirulito ao coleguinha. Nesse caso, o leitor pode entender os sentidos oferecido pelo autor, atentando-se ao texto escrito ou às imagens, ou ainda, aos dois, visto que cada um no seu modo de dizer nada traz de novo em relação ao outro.

Mas também há momentos em que as ilustrações servem como espaço de produção de sentido metafórico. O narrador fala, através do texto escrito, sobre a luz acesa e a ilustração traz a criança sorrindo, num jogo de aproximação de duas coisas: sorriso e luzinha, na construção de uma única imagem.

Luzinhas aparecem em grande quantidade e em diferentes momentos quando o autor pretende enfatizar algum trecho do texto. A presença das luzinhas dá leveza à página que não se encontra saturada só de palavras, pressupondo um leitor não muito familiarizado com textos densos e servindo ainda para dar ênfase à luzinha, objeto-símbolo nas histórias.

A letra cursiva da capa continua nas páginas no interior do livro, às vezes em tamanho menor, outras, em maior. O tamanho da letra é proporcional à importância atribuída pelo autor à idéia que se pretende enfatizar, orientando o leitor para aquilo que merece ser destacado em sua leitura. As alterações quanto ao tamanho da letra e o espaço entre linhas facilitam à a leitura e apresentam uma disposição visual agradável para ler. A opção pela letra cursiva também no interior dos livros seria mais uma estratégia de aproximação autor e leitor? Ou seria uma tentativa de marcar um gênero mais “íntimo”, visto que escrevemos com letra cursiva, cartas para amigos/parentes, diários pessoais e encontramos a de fôrma impressa em gêneros e suportes “públicos”?

Capa colorida e pintada com giz de cera, nome de Tio Gaspa, fotografia do autor na contra-capas, letra cursiva de uma criança, ilustrações intercaladas com a escrita, um garoto feliz estampado em lugares também bonitos e cheio de cores, personagens do imaginário cultural (gnomo e unicórnio) – tudo muito familiar, bonito e feliz.

Estratégias que compõem a representação de um leitor infantil, aquele que se pretende seduzir.

A História que se Conta

Ao lermos a história, encontramos um narrador que fala com VOCÊ, sem nome ou apelido, identificado apenas por esse pronome de tratamento.

VOCÊ é então, ao mesmo tempo, aquele que se movimentará pelas histórias, protagonista a enfrentar problemas, dificuldades em sua relação cotidiana com as pessoas com as quais convive e aquele que enquanto leitor é convocado para identificar-se com esse personagem e com ele “viver” essa história. O desenrolar do enredo é direcionado em ‘tom’ de uma conversa do narrador (em primeira pessoa) que, conhecendo as diferentes situações que desagradam a esse personagem, oferece-lhe “truques” para driblá-las, para vê-las de outro modo, para não sofrer. É o caso do “truque”: rir por dentro. E o que é rir por dentro? Como se faz isso?

Rir por dentro é quando a gente fica alegre e não mostra no rosto.

Você já tentou rir por dentro?

Tente agora mesmo. Olhe-se no espelho e fique com o rosto sério, mas imagine que você está sorrindo por dentro. Perceba que um calorzinho gostoso aparece no seu peito. Esse truque vai funcionar bem quando alguém estiver bravo com você, falando um monte de coisas feias, metendo medo e julgando você por alguma coisa que fez (Livro 2, p.11).

Não é propriamente uma narrativa em que um ou mais personagens principais vivem um conflito que desencadeia uma busca de soluções com ajuda ou não de outros personagens no desenrolar dos acontecimentos em um certo tempo e espaço. São diversas situações que ilustram possíveis momentos desagradáveis que VOCÊ possa “viver” (xingamento de colegas, broncas dos pais, sentimentos ruins) e orientações, sugestões de comportamento, de modo de sentir e de se relacionar com os outros. Assim é que podemos pensar que a história traz uma sucessão de situações-problema e o oferecimento de formas de superação, lembrando-nos, mais do que um livro de literatura infantil, um manual de orientação ao leitor.

Para tanto, o narrador apresenta ao leitor três elementos: a luzinha (1º Livro), os óculos do orgulho (2º Livro) e o explicador (3º Livro), que se tornam uma espécie de objetos-símbolos, objetos “mágicos”, que têm o poder de, uma vez eficientemente manejados pelo protagonista, ajudarem-no a superar, modificar o seu interior, escapar dos sentimentos que lhe causam dor e sofrimento.

Se nos Contos de Fadas o personagem ganha uma varinha, uma abóbora, uma lâmpada, um feijão, mágicos, e com esses objetos possíveis de existirem apenas no mundo da ficção, o personagem torna-se forte para enfrentar o Mal que o abate, aqui VOCÊ é convocado a imaginar a existência de um objeto que, invisível aos olhos dos outros personagens, dá a ele força para mudar seu comportamento, sua maneira de pensar. É o que podemos ver no primeiro livro da coleção *Se ligue em você*:

*Existe uma luzinha no seu peito.
Uma luzinha que os olhos não vêem.
Mas quando ela está acesa, a gente sente.
Pois é ela que causa nossos sentimentos (Livro 1, p.1).*

A “luzinha” representa então, um objeto, que, uma vez imaginado pelo protagonista, pode deixá-la acesa ou apagada. Quando acesa lhe traz sentimentos bons e quando apagada, os maus, ruins, aqueles que o fazem sofrer, como o medo, a frustração, a inveja, egoísmo. Colocados de forma antagônica, dicotômica, os sentimentos são divididos em bons e maus: para cada sentimento mau que faz a luzinha apagar, existe um outro, bom, que a faz acender. Cabe à criança mantê-la acesa através da manipulação e do controle sobre seus próprios pensamentos e sensações porque a luzinha (...) se acende quando você pensa positivo (Livro 1, p.3).

Ou então é o caso do explicador, utilizado pelo autor no terceiro livro da coleção. O que é o explicador? Ele é um motorzinho que muda tudo que os Outros falam para que o seu coração não escute as coisas ruins (Livro3, p.10).

Nessa perspectiva, o explicador tem a função de acender a luzinha que estava apagada. Num “passe de mágica” sem que o personagem necessite buscar um diálogo, uma explicação, um outro ponto de vista, um entendimento com o OUTRO (outros personagens) ou até mesmo lutar com espadas, palavras, pedras e socos para a resolução do conflito que vive naquele momento, a idéia parece ser de que a criança, individualmente, deve evitar que os conflitos venham à tona. Um caminho é indicado: atender aos diferentes conselhos dados pelo narrador que também já passou por isso ou que conhece bem essa situação.

Para um personagem que não precisa lutar contra os supostos inimigos, nem buscar aliados em outros personagens, o leitor conhece um protagonista (VOCÊ) que, não dando ouvidos a outros (com exceção do narrador, aquele que escreve em letra cursiva, que se chama Tio Gaspa), que não o enxergam como realmente é, não deixando-se levar por “vozes externas”, tem como “missão”, desafio: deixar acesa a luzinha, aquela que lhe possibilita inverter o que as pessoas dizem para ele, aquela que lhe permite estar bem consigo mesmo.

Um personagem que é tentado a buscar identificação com o leitor que provavelmente também tem “problemas”, passa por uma situação difícil; logo, poderá encontrar, nessa leitura, uma solução, um caminho, um fortalecimento, uma cura.

Os Demais Personagens

Numa proposta de ensinar à criança como evitar sofrimentos, decepções, o autor propõe uma postura preventiva, de desconfiança em relação ao Outro. VOCÊ (personagem e criança-leitora) é orientado a usar de diferentes formas/truques para aceitar a si mesmo e não dar ouvidos aos Outros, não esperar que os adultos cumpram promessas feitas, não depender de ninguém, não esperar pelo futuro, não se arriscar. Numa postura de se evitar decepções, o caminho proposto é: viva o presente, o imediato, o carpe diem.

Você precisa cuidar bem de você. Por isso, não pense muito nas coisas que vão acontecer, ou naquilo que os outros prometem. Pense assim, se acontecer, vai ser legal; se não acontecer, eu arranjo outra coisa pra me divertir. Não acredite em promessas. Espere as coisas acontecerem para você ficar alegre. O importante é não ter ilusões, para não se arriscar a ficar desiludido (Livro 2, p.11-12).

Os pais, a professora, os coleguinhas, são esses Outros que caracterizam os personagens em torno de VOCÊ. Eles, esses personagens, não falam diretamente com VOCÊ no desenrolar da “história”. Eles são os “outros” mesmo, de quem o narrador fala, cita como exemplos, descreve-os, caracteriza-os. Como são, como aparecem por exemplo, os pais de VOCÊ, nas palavras do autor? Para o autor, tanto o pai como a mãe representam papéis e ele (o narrador) se refere a eles como “personagens”:

O personagem da mãe é aquela mulher sempre preocupada e de cara séria com tudo. Só sabe dar ordens e tentar mandar nos filhos. Ela faz uma cara de importante e fica corrigindo as crianças com xingos, queixas, ficando nervosa, chorando, ameaçando pôr de castigo; porque ela quer que você seja do jeito que ela quer e na hora que ela quer. Tudo isso com aquela conversinha que ela te ama muito e que ela se sacrifica para a sua felicidade.

O pai também gosta de fazer seu teatrinho. No seu personagem de pai ele faz como a mãe e gosta de parecer o herói, o mocinho, como o Super-homem da família, e vive falando que ele luta para arranjar dinheiro para sustentar você e que por isso você tem que obedecer. Ele chega cansado em casa e quer que todo mundo coopere, ou seja, faça silêncio, pois o herói está cansado (Livro 3, p.4).

Esta longa citação permite entender a concepção do autor em relação à figura do pai e da mãe na estrutura familiar, à qual pertence essa criança que “sofre”. A mãe nervosa, preocupada, que xinga, descontrolada, que chora para transformar o filho no que quer. O pai, que também representa um personagem, como o herói, o mocinho, que luta para arranjar dinheiro e a quem o filho deve obedecer. Segundo o autor, o objetivo desse comportamento da mãe é transformar o filho em algo diferente do que ele realmente é, por natureza. Os personagens, pais, são, portanto, a causa de um dos sofrimentos da criança. Ser diferente daquilo que os pais não conseguem ver “quem é você de verdade.” E quem é VOCÊ de verdade? Ou melhor, como deve ser VOCÊ de verdade, na concepção desse autor? É aquele que se volta a si mesmo, que não ouve ninguém, que não precisa entender as dificuldades e atitudes dos pais, não precisa cooperar porque é incompreendido na sua condição de diferença quanto às outras pessoas.

E os colegas de VOCÊ? Como são as crianças com quem se relaciona, brinca?

Também, os colegas de VOCÊ são classificados pelo autor como fingidos, constituindo um simulacro do que é, sendo divididos em algumas categorias:

Se fazem de gostosos, de valentões, de bobos, de esquecidos, de ofendidos, de coitadinhos, de engraçadinhos, etc. Tudo isto é fingimento e tem gente que sabe que está fingindo, e tem Outros bobões que fingem que não estão fingindo, só para eles mesmos acreditarem.

*Isto aconteceu porque eles querem que os Outros sejam bacaninhas com eles.
Parecem até nenês que precisam que alguém cuide deles (Livro 3, p.6).*

As pessoas, para o autor, compõem um mundo de teatro e fingimento levado até às últimas conseqüências. Cabe à criança, aqui, aprender o que move as pessoas que vivem a sua volta (papéis que devem desempenhar) para aprender a lidar com elas. O Outro, então, é visto como inimigo, que deve ser ouvido com desconfiança, como alguém que não consegue ver como VOCÊ realmente é, como foi criado pela natureza. Lutar contra os outros, contra o que o faz sofrer é voltar-se para o interior de si mesmo, dominar seus impulsos, usar o domínio de seus pensamentos, o auto-controle.

O conjunto de personagens não oferece uma oposição entre criança e adulto; entre criança e animal, entre criança e criança, como se pode encontrar em outras histórias infantis. Também não há um movimento de cooperação, de junção de forças aglutinado em torno de um grupo de personagens (só crianças, criança e adulto, criança e bicho, de uma família, de uma escola) a enfrentar perigos, a lutar contra o Mal.

São dois grupos: VOCÊ e o narrador contra os OUTROS, aqueles que têm a luz apagada (sentimentos ruins), que põem óculos do orgulho (enxergam tudo errado e julgam mal as pessoas); que não usam o explicador (não sabem inverter as situações de sofrimento).

Como se Diz o que se Diz

Através da construção de um texto que pressupõe e educa um leitor ainda em formação, entendido como um ser que possui uma competência mínima de leitura, o texto é forte em reducionismo sintático (carregado de frases simples: sujeito verbo, complemento, na ordem “direta”), traz um universo semântico bastante limitado, com uso de muitas repetições (palavras, expressões) e apresenta um vocabulário considerado simples para o entendimento da criança (com gírias, com palavras da linguagem marcadamente coloquial). Estruturado a partir de argumentos baseados em diversas exemplificações, com reforço de ilustração que reproduz visualmente o que se está escrito, o texto traz ainda uma linguagem representada como a do universo infantil através de muitas palavras no diminutivo.

O que predomina no texto não é a voz da criança, mas aquela que o adulto atribui a ela, uma idealização do jeito que essa criança fala, do jeito que ela entende o que lê. Na tentativa de se “adequar” às expectativas do leitor que pretende seduzir, o autor explora recursos expressivos na constituição de sentidos, da mesma maneira que o autor já fizera, imitando sua letra cursiva, suas ilustrações. Um artifício que se revela, agora, na linguagem, na pobreza vocabular, no excesso dos diminutivos, na repetição das mesmas palavras.

Sabemos como é comum encontrarmos na produção dirigida à criança textos que buscando assim espelhar a imagem que o adulto tem do universo lexical, trazem como estratégia para preservar o grau de proximidade com esse leitor, um “mundo” recheado por palavras terminadas em inho, como podemos encontrar nessa Coleção: jeitinho, feinho, bonitinho, luzinha, espertinho, coitadinho, engraçadinho, bacaninho.

A repetição de uma mesma palavra é uma outra estratégia que também parece indicar marca de um texto que se volta para um leitor “menor”. O pronome VOCÊ, pode ser um exemplo deste caso. Exaustivamente repetido nas três obras, VOCÊ, um personagem sem nome, é interpelado, chamado insistentemente pelo narrador. É o que podemos ver neste trecho, escrito em letra maior em relação ao restante da página:

Você é a coisa mais preciosa que você tem!

Você é só seu.(...). você vai ficar com você para sempre (Livro 3, p.8).

As repetições além de indicar a interpelação direta feita pelo narrador reforçando com quem ele realmente deseja conversar, pode ter ainda outra intenção: a de convencimento/persuasão do leitor para o sentido que o autor pretende garantir que se apreenda: voltar sua atenção a si mesmo.

Você não é bonitinho nem feinho.

Você não é esperto nem bobo.

Você não é o que os outros dizem.

Você não é como os outros acham que é.

Você é só você.

Você é só do seu jeitinho.

Você é único (Livro 2, p.2).

Muitas vezes a mesma palavra, lida em inúmeras situações, não garante que a “mensagem” seja entendida, com maior eficiência? Que seja incorporada em um processo de “ruminação”?

Um outro pronome que se repete é “gente”, até mesmo num mesmo parágrafo

(...) o papai e a professora são a mesma coisa, parece que ninguém quer saber como a gente se sente. E a gente se sente esquisito, em direitos, e parece que estamos sozinhos, e que ninguém liga de verdade para a gente (Livro 2, p.2).

Gente vem aqui substituir o “eu” (como eu/VOCÊ me sinto/se sente) ou o “nós” (eu e o narrador) em uma forma coloquial, próxima à modalidade oral, numa estratégia que aproxima o narrador (que sabe, que entende) da criança (que vive a situação conflituosa), na continuação de uma conversa informal, mas sempre aconselhadora

Às vezes queremos coisas que não podemos ter agora, não é? Por exemplo, um brinquedo caro que a mamãe não tem dinheiro para comprar, ou quando um amiguinho não quer brincar da mesma coisa. Ai nós ficamos com raiva. Choramos, brigamos, falamos uma porção de coisas ruins (Livro 1, p.5-6).

No jogo que alterna uma conversa entre a gente (eu e você) e VOCÊ; nós (eu e você) e VOCÊ, o narrador coloca-se no mesmo nível da criança para lhe falar, para conseguir maior credibilidade, visto que ele compartilha as situações das quais fala, que entende a

criança e sabe como ela se sente. Quem sofre? Quem já sofreu? Quem é diferente e por isso é discriminado? A gente, nós.

(...) Quando percebem que somos diferentes, elas (as pessoas) nos colocam nomes esquisitos (Livro 2, p.10.).

Na continuação do jogo, na alternância entre narrador que compartilha e aquele que conversa em tom de aconselhamento, que expressa e dá formas de sentir e de se comportar, que cobra atitudes, ele (o narrador) usa obrigatoriamente os verbos no imperativo:

Da próxima vez que sentir medo, não deixe sua luzinha se apagar. Pense que no escuro tem muitas luzinhas invisíveis e alegres que estão lá para proteger você. Entre no escuro com coragem e você se sentirá feliz (Livro 1, p.5).

Queremos destacar ainda um outro recurso que, direcionado para a compreensão que se quer do leitor, funciona como pretexto para falar, ensinar aquilo que a criança deve aprender. O narrador coloca em sua fala perguntas possíveis de serem feitas pelo seu leitor, coloca-se antecipadamente “no lugar dele”, no entendimento de seu sofrimento. São “falsas perguntas”, como essas, por exemplo:

Os seus coleguinhas vivem chamando você, de quê? De bobão, de magrela, de gordo, de burro de espertinho, de folgado, de mais o quê? Quando eles fazem isso, como é que fica? Sabe por que eles fazem isso? Porque eles usam os óculos do orgulho (Livro 2, p.3).

Elas são muito espertinhas e, se você acreditar nelas, elas vão ficar mandando em você. Por que será que elas são assim? Você quer saber? Então, eu vou lhe contar (Livro2, p.6).

Podemos afirmar que essas perguntas, como outras que se encontram nos desenrolar das situações, não foram formuladas para serem respondidas, visto que o autor já conhece as respostas. Na verdade, funcionam como pretexto para criar condições de desenvolver os assuntos que interessam ao autor como objeto de educação na resolução de problemas da criança consigo mesma ou com outras pessoas.

De qualquer maneira, o uso das repetições, a simplicidade das estruturas sintáticas, a redução do universo lexical, a escrita de uma modalidade próxima à linguagem coloquial, o jogo do narrador que alterna aquele que orienta, sugere, manda através de verbos no modo imperativo com aquele que compreende, que conhece o sofrimento (eu, nós) - todos esses recursos insistem em reforçar, chamar a atenção, dar ênfase, talvez, deixar mais claro, aquilo que se pretende ensinar à criança. Seria possível dizer que a imagem do leitor, aqui, é de uma pessoa que precisa de repetições, de um tipo de registro de linguagem bastante simples, caso contrário, ele, esse leitor, poderá não entender, não estabelecer as devidas relações a partir do texto.

Nessas obras, esse modo de dizer o que se diz sugere a intencionalidade do autor em buscar garantir, controlar que os sentidos (mensagem, conteúdo) que ele atribui aos seus textos sejam entendidos, sem “ambigüidade” pelo seu leitor-infantil. Parece que todas

essas estratégias usadas pelo autor, permite-nos pensar que essa Coleção pode ser reconhecida como aquela que traz uma espécie de “maquinaria” capaz de limitar a multiplicidade e a singularidade sempre possível na leitura de qualquer texto, inclusive a dessas obras.

Um Gênero Novo: Tudo Depende de Você

Podemos dizer que a coleção *Se ligue em você* muitas vezes aproxima-se da produção já em circulação em livrarias e bibliotecas, e outras vezes, distancia-se desta produção, praticamente inaugurando um novo gênero voltado para o público infantil.

Quando voltamos nossa atenção no projeto visual dado à sua materialidade, no uso da linguagem como aquele que se considera o modo de falar da criança (diminutivos, repetição, registro coloquial) e como aquele com que a criança possivelmente será levada a identificar-se, essa Coleção não se diferencia de tantas outras voltadas para a criança, no mercado editorial.

Também podemos dizer que os livros *Se ligue em você* não inauguram novos temas. Sabemos que um conjunto de livros produzido principalmente a partir da década de 70 vem abordando a interioridade infantil oferecendo-se como um material de leitura que ajuda o leitor a lidar com problemas que lhe causam desconforto ou sofrimento.

Por outro lado, não parece nova a estratégia de oferecer à criança obras que “empacotadas como literatura infantil” trazem personagens (criança é o personagem principal), truques “mágicos”, situações diversas num tempo que não é marcadamente localizado, com a intenção de inculcar valores, maneiras de pensar e de se comportar de forma nem sempre muito explícita. São livros que “ensinam”, sem no entanto confundir-se com livros didáticos, livros científicos, utilitaristas e também sem serem reconhecidos por muitos críticos literários, como pertencentes ao gênero literatura infantil strictu-sensu.

Essa coleção *Se ligue em você*, no entanto, nos remete para uma tendência que parece para nós constituir-se como totalmente nova, a partir da década de 90.

Tal qual as obras de auto-estima produzidas para o adulto, filão de ouro do mercado editorial (autores dão conferências, obras são best-sellers), essa Coleção oferece na imagem de sujeito que se pretende formar – neste caso, a criança como um “vir-a-ser” – a ênfase do bem-estar consigo mesmo, o voltar-se para si mesmo, fugindo do diálogo com o Outro, do relacionamento com as pessoas que pensam, sentem e são diferentes dele. Uma criança que, uma vez ensinada a lidar com seus sofrimentos, será menos um adulto infeliz, no futuro.

Nessa perspectiva, os livros *Se ligue em você* aproximam-se muito mais dos de auto-ajuda destinados aos adultos, configurando-se como um gênero destinado ao futuro adulto com mensagens direcionadas para a construção da auto-estima, do autocontrole, da confiança em si mesmo da negação de qualquer forma conflito, de frustração ou luta, quer física, quer psicológica ou social.

Enfim, é numa expansão mercadológica que o livro infantil assumiu nas três últimas décadas, em nosso país, que se constata a especialização dessa produção. Livros de todos os tipos para diferentes leitores, por diferentes motivos, para diversificados gostos. Livros de bolso, de plástico, de CDROM, tridimensionais, grossos, finos, com ou sem ilustrações, temas e gêneros variados. Livros para todas as idades: do berço à fase adulta, fora e

dentro da escola. Livros para atender diferentes finalidades: ler para informar-se (desde dinossauros até computadores), para mobilizar a fantasia, para se perder, para brincar de determinado personagem num emaranhado de desenhos, para jogar RPG, para rezar, para aprender as letras de alfabeto, para “curar” futuros adultos. Assim é que atendendo a uma certa fatia desse mercado, aquela constituída por crianças que sofrem, temos, aqui, a Coleção *Se ligue em você*

dentro de você há um mundo que é só seu, e só você pode arrumá-lo ou desarrumá-lo (Livro2, p.19).

Referências Bibliográficas

- Bordini, M.G. (1988). “A Literatura Infantil nos Anos 80”. In: *30 Anos de Literatura para Crianças e Jovens: Algumas Leituras*. Campinas, SP: Mercado Aberto.
- Bulsinh, T. (2001). *O Livro de Ouro da Mitologia*. Trad. David Jardim Jr., RJ, Ediouro.
- Chartier, R. (1996). *História Cultural, entre Práticas e Representações*. RJ, Bertrand.
- Gasparetto, L.A. (1999). “*Se Ligue em Você*”. Livros 1, 2 e 3. São Paulo: Editora Espaço, Vida e Consciência.
- Ferreira, A.B.H. (1994). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. RJ, Nova Fronteira.
- Huygen, W. (1993). *Gnomos*. Tradução de Ana Maria Dalle Luche. São Paulo: Editora Siciliano, 6ª edição.
- Ribeiro, L. (1994). *Viajando no Tempo: Recriando o seu Passado e Criando o seu Futuro*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Rüdiger, F.R.m (1998). *Literatura de Auto-ajuda e Individualismo: Contribuição ao Estudo de uma Categoria da Cultura de Massa Contemporânea*. Tese de Doutorado. IFCLH, Universidade de São Paulo.